



## SER MULHER, SER HOMEM, SER PROFESSOR(A): REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DO PIBID PEDAGOGIA

Viviane Sousa de Oliveira<sup>1</sup>  
Abraão Antônio Xavier Diniz<sup>2</sup>  
Dominique dos Santos Alves<sup>3</sup>  
Raphael Antunes Pereira dos Reis<sup>4</sup>  
Ana Célia Nunes do Nascimento<sup>5</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta reflexões sobre a experiência formativa vivenciada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB), com atuação na Escola Classe Verde, localizada no Riacho Fundo I, no Distrito Federal. A partir da observação e participação nas práticas pedagógicas de turmas do Ensino Fundamental I, discute-se o processo de formação docente inicial em diálogo com a alfabetização e com a presença de pessoas do sexo masculino na docência, evidenciando os estereótipos de gênero ainda presentes no cotidiano escolar. As vivências permitiram uma análise crítica sobre os desafios enfrentados por professores em contextos públicos, especialmente no que se refere à construção de uma prática pedagógica sensível às diferenças e comprometida com uma educação emancipadora.

**Palavras-chave:** Formação docente, PIBID, Alfabetização, Docência masculina, Educação pública.

### INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) que visa promover uma melhor formação inicial de professores por meio da articulação entre teoria e prática. O programa foi criado em 2007 com o intuito de

[...] proporcionar a inserção no cotidiano das escolas públicas de educação básica para os discentes dos cursos de licenciatura, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior. (MEC, 2007)

1 Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília - UnB, [vivianesousa730@gmail.com](mailto:vivianesousa730@gmail.com);

2 Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília - UnB, [braodiniz20@gmail.com](mailto:braodiniz20@gmail.com);

3 Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília - UnB, [dominique18santos@gmail.com](mailto:dominique18santos@gmail.com);

4 Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília - UnB, [antunes.rapha@gmail.com](mailto:antunes.rapha@gmail.com);

5 Professora orientadora mestranda da Universidade de Brasília - UnB, [anacelnunes79@gmail.com](mailto:anacelnunes79@gmail.com).





Os principais objetivos do PIBID são contribuir para a melhoria da qualidade da educação básica através da interação entre a universidade e a escola. Bem como oferecer aos estudantes de licenciatura oportunidade de desenvolver competências e habilidades necessárias para a docência através da inserção no cotidiano escolar.

Dessa forma, este relato se justifica pela importância de refletir sobre a formação docente em um contexto educacional que demanda cada vez mais profissionais capacitados e comprometidos, na perspectiva de superar o conceito de gênero predominante na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A experiência do PIBID não apenas enriquece a formação dos futuros educadores, mas também contribui para a melhoria da qualidade do ensino nas escolas públicas e para uma educação mais crítica e reflexiva.

Assim, por meio desse programa, é possível valorizar a escola pública como um excelente espaço de formação inicial e continuada. Os professores que recebem os pibidianos têm a oportunidade de entrar em contato com novas teorias da universidade, o que pode transformar e melhorar sua prática docente. Dessa forma, segundo Freire (1996)

É preciso que desde o começo do processo vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma, se forma e re-forma e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transmitir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos [...] não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (Freire, 1996, p. 24).

Neste relato, abordaremos a experiência do PIBID pedagogia na Universidade de Brasília (UnB), especificamente no subprojeto Pedagogia. Através da vivência em uma escola pública, os objetivos deste relato incluem compreender a importância da práxis, discutir aspectos relacionados à alfabetização, à relevância do PIBID na formação docente e a docência masculina.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho se propõe a ser uma pesquisa de cunho inicial observatória, a partir principalmente dos relatos de experiência de duas alunas e dois alunos pibidianos, sem prejuízo da pesquisa bibliográfica complementar para consolidação do tema.





A experiência relatada está sendo desenvolvida na Escola Classe Verde do Riacho Fundo I, como parte de um subprojeto iniciado em dezembro de 2024, ainda em andamento no momento da escrita. A atuação ocorre duas vezes por semana, com inserção direta na rotina da escola, o que tem possibilitado a vivência de práticas pedagógicas e o contato cotidiano com crianças, professores e demais profissionais da unidade escolar.

Além das atividades práticas na escola, participamos quinzenalmente de reuniões formativas promovidas pelo subprojeto. Nessas reuniões, realizamos leituras e discussões de textos teóricos fundamentais para a compreensão crítica do nosso fazer pedagógico. Dentre os materiais estudados, destacam-se: “A didática na Pedagogia Histórico-Crítica”, de Gasparin (2012), O documento Currículo em Movimento do Distrito Federal (2018) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017).

Esses encontros também são espaços para relatos de experiências vivenciadas na escola, promovendo a troca entre os(as) participantes e aprofundando reflexões sobre os desafios e potencialidades da prática docente. Essa integração entre teoria e prática tem sido essencial para a formação docente crítica, dialógica e comprometida com uma educação pública de qualidade e inclusiva.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Este referencial teórico tem como objetivo fundamentar as discussões relativas à formação docente no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e suas relações com a alfabetização, questões de gênero na docência e a educação como prática emancipatória. A seguir, os principais eixos temáticos que orientam este estudo são apresentados.

## **CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOCULTURAL DA DOCÊNCIA**

Saviani (1997) destaca que a educação insere-se nas relações sociais mediando a reprodução cultural e social, incluindo os papéis de gênero historicamente atribuídos à docência. A feminização do magistério, especialmente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, está ligada a construções culturais que associam a prática docente a atributos tradicionalmente femininos, como o cuidado e o afeto (Kuhlmann Júnior, 2007;





Costa, 2006; Vianna e Ridetti, 1998). No âmbito legal, a Constituição Federal (1988) e a Lei nº 9.394/1996 promulgam a igualdade de direitos no exercício profissional, embora a Nota Técnica nº 24/2015 do Ministério da Educação evidencie que ainda existam normas sociais e institucionais que reforcem desigualdades e estereótipos de gênero.

## **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Magda Soares (1998) ressalta que alfabetização e letramento são ações distintas, porém inseparáveis, devendo a escola promover uma aprendizagem que combine o domínio técnico da leitura e da escrita com a participação nas práticas sociais. Paulo Freire (1996) enfatiza a alfabetização como ato político e afetivo, que articula teoria e prática para a emancipação do sujeito. Costa Júnior et al. (2023) afirmam que ambientes de aprendizagem positivos são essenciais para o desenvolvimento integral das crianças, promovendo autoestima e engajamento.

## **DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Historicamente, a docência infantil é assumida como profissão feminina, um fenômeno reforçado por construções sociais de gênero que associam o cuidado às mulheres (Louro, 1997). Silva (2020) aponta os desafios e estigmas enfrentados pelo professor homem no ensino infantil, evidenciando a necessidade de desconstrução desses papéis. Butler (2003) apresenta a noção de gênero como performance, conceito importante para entender as dinâmicas da masculinidade na docência. Connell (1995) discute as tensões impostas à masculinidade hegemônica, que podem conflitar com o papel pedagógico de cuidado. Piazzetta (2013; 2015) e Rabelo (2013) também abordam a feminização da docência e os preconceitos enfrentados pelos homens na profissão.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **ALFABETIZAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

A alfabetização é um dos processos fundamentais para o desenvolvimento integral do sujeito, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental. No âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), foi possível observar de forma concreta os desafios e as possibilidades que permeiam o ensino da leitura e da escrita nas escolas públicas. A alfabetização vai muito além da simples aprendizagem de métodos e





técnicas, assim como Magda Soares (1998) ressalta que,

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (Soares, 1998, p. 47)

As turmas observadas (1º e 3º ano) apresentaram grande heterogeneidade em relação às habilidades de leitura e escrita, o que evidencia a necessidade de práticas pedagógicas que respeitem a individualidade e o ritmo de cada criança. No entanto, foi possível perceber que, diante da superlotação das salas (como no caso de uma das turmas do primeiro ano, com 32 alunos matriculados), colocar em prática essa atenção à singularidade de cada aluno se mostra um desafio significativo.

Essa superlotação compromete o acompanhamento individualizado necessário para o processo de alfabetização, principalmente quando se trata do 1º ano. Foi possível observar que situações como a dificuldade de concentração, os diferentes ritmos de aprendizagem e a necessidade de apoio constante tornam-se ainda mais desafiadoras para o(a) professor(a), que, muitas vezes, não consegue atender às demandas de todos os estudantes de forma equitativa.

O acompanhamento de diferentes turmas e docentes possibilitou perceber como a prática pedagógica influencia não apenas no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, mas também na autoestima e no engajamento dos alunos. Professores com posturas mais respeitosas, com rotinas claras criam um ambiente mais propício à aprendizagem. Nesse sentido, Costa Júnior *et al.* (2023) destacam que,

Quando os alunos se sentem apoiados e valorizados, eles têm maior motivação para se envolver ativamente nas atividades escolares, buscar novos conhecimentos e desenvolver habilidades essenciais para a vida. (Costa Júnior *et al.*, 2023)

A vivência no PIBID permitiu compreender que a alfabetização é um processo que exige sensibilidade, intencionalidade e compromisso com o desenvolvimento integral de cada criança. Mais do que ensinar a ler e escrever, alfabetizar é um ato político e afetivo, que deve considerar as realidades dos alunos, seus saberes, emoções e contextos. Em meio a tantos desafios, o papel do pedagogo(a) se reafirma como essencial na construção de uma escola pública mais justa, humana e emancipadora.





## DOCÊNCIA FEMININA: ENTRE A TRADIÇÃO E OS DESAFIOS ATUAIS

A docência, sobretudo na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental, é marcada historicamente por uma predominância de mulheres. Esse fenômeno socialmente construído está ligado a fatores culturais, econômicos e normativos que associam o trabalho de educar e cuidar a atributos considerados femininos, como a sensibilidade, o afeto e a disposição para o cuidado.

A feminização do magistério não é um acaso, mas resultado de um processo histórico que vinculou o papel das mulheres à educação dos filhos, tanto no espaço doméstico quanto nas instituições escolares. A docência passou a ser vista como uma extensão do papel materno, sendo considerada, em determinados contextos, uma profissão mais "acessível" às mulheres, facilitando seu ingresso no mercado de trabalho.

Durante a experiência de inserção no cotidiano escolar através do PIBID, foi possível perceber que a imagem socialmente construída da professora como figura de cuidado ainda é amplamente reconhecida e esperada por alunos, famílias e, muitas vezes, pelos próprios colegas de trabalho.

Assim, em muitas creches e pré-escolas, observa-se a predominância de práticas voltadas para o cuidado, o afeto e a chamada *maternagem*, conforme apontam Kuhlmann Júnior (2007), Costa (2006) e Vianna e Ridetti (1998). Embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) define a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica, ainda é recorrente o distanciamento entre o que prevê a legislação e o que se concretiza nas práticas cotidianas das instituições.

A Constituição Federal de 1988 garante, em seu artigo 5º, inciso I, que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”, enquanto o artigo 7º, inciso XXX, veda a discriminação no exercício de funções por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (Brasil, 1988). Tais dispositivos legais reforçam a necessidade de enfrentamento às desigualdades de gênero em todos os espaços, incluindo o educacional. Contudo, conforme a Nota Técnica nº 24/2015 do Ministério da Educação:

Há modelos de comportamento atribuídos a homens e mulheres que, embora não







instituídos por nenhuma diretriz pedagógica, são recorrentemente reforçados, produzindo a reiteração de desigualdades e, em casos mais extremos, de discriminações e violências. (Brasil, 2015, p. 1).

Por meio da observação do cotidiano escolar foi possível ver essa constatação pois, muitas vezes, a escola, mesmo sem intenção, reproduz papéis de gênero que reforçam estereótipos, limitando as possibilidades de atuação de homens e mulheres de forma equitativa.

Apesar de haver uma presença masculina relativamente maior na escola do Riacho Fundo, a docência de homens ainda se concentra, em sua maioria, nas turmas de 4º e 5º ano. Entre os seis professores homens da instituição, apenas um atua em uma turma do BIA, o que pode despertar curiosidade, ou até certo estranhamento, na comunidade escolar, mas também representa uma oportunidade para quebrar estereótipos e ampliar as referências para as crianças.

Por sua vez, as pibidianas mulheres inserem-se em um espaço em que a docência feminina já é socialmente aceita, mas ainda enfrentam desafios relacionados ao reconhecimento profissional e à valorização do trabalho docente. Assim, a presença de diferentes gêneros no corpo docente contribuiu para o enriquecimento das práticas pedagógicas dos pibidianos (as).

## **DOCÊNCIA MASCULINA: ESTEREÓTIPOS, DESAFIOS E POTENCIALIDADES**

A docência na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental é historicamente uma profissão majoritariamente feminina, um fenômeno reforçado por construções sociais que associam o trabalho de educar e cuidar a atributos tradicionalmente femininos, como a sensibilidade e o afeto. Essa feminização do magistério reflete a visão da docência como uma extensão do papel materno (Piazzetta, 2015).

Conforme a literatura, os professores homens nesse segmento enfrentam preconceitos e estigmas, como a desconfiança dos pais e a hipervigilância, que questionam sua legitimidade na profissão. Estudos apontam que os principais preconceitos enfrentados incluem a homofobia, a percepção de que homens são incapazes de lidar com crianças e o medo da pedofilia (Rabelo, 2013; Silva, 2020). Essa apreensão, embora compreensível, ignora





que o assédio pode ocorrer independentemente do gênero do agressor, podendo acontecer inclusive em ambientes familiares.

A qualificação profissional deve ser o principal critério de aptidão para a docência, não o gênero. É fundamental que a educação e o cuidado sejam compreendidos como indissociáveis e que profissionais com a devida formação sejam capazes de realizar todas as atividades pedagógicas. A presença de homens na docência contribui para a desconstrução de estereótipos, ajudando a criar um ambiente educacional mais equitativo e inclusivo.

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA MASCULINA**

Além de contextos semelhantes aos explicitados anteriormente sobre a heterogeneidade das turmas, superlotação, sobrecarga das professoras(es), nossa vivência no PIBID na Escola Classe Verde nos permitiu observar as dinâmicas de gênero na docência na prática. Na escola, a presença masculina é mais notável do que a média nacional: 6 dos 28 professores regentes são homens. Segundo a supervisora do PIBID na Escola Classe Verde, Ana Célia, essa característica se deve ao ambiente acolhedor e inclusivo da escola, onde a presença masculina "acaba por somar grandiosamente".

Em nossa atuação, as experiências em turmas de diferentes faixas etárias trouxeram reflexões valiosas. Nas turmas de quarto e quinto anos, acompanhamos professores que lidavam de forma profissional com questões da pré-adolescência, como relacionamentos e autoimagem. A carência afetiva de alguns alunos, que buscavam contato físico com o professor, destacou a necessidade de uma postura ética e profissional mais rigorosa, pelos pibidianos, independentemente do gênero. Leão (2015) identifica nos professores do sexo masculino atitudes semelhantes da figura do pai, sendo uma referência masculina para os alunos. Os professores e pibidianos servem como modelo a seguir, principalmente para os meninos, através da aproximação por meio do beijo, abraço e escuta sensível.

Posteriormente, a experiência em turmas de primeiro ano, acompanhando professoras do sexo feminino, aprofundou nossas reflexões sobre o acolhimento. Crianças pequenas, em fase de adaptação e alfabetização, frequentemente buscavam abraços e contato físico. Como homens, tivemos que conciliar a necessidade de acolhimento com o estabelecimento de limites claros para evitar qualquer interpretação indevida. Embora a professora fosse bastante







carinhosa fisicamente, buscamos manter um certo afastamento, aceitando abraços espontâneos, mas sem impô-los ou solicitá-los. Essa postura nos permitiu entender que o acolhimento, um componente crucial para o bem-estar da criança, pode ser oferecido de maneiras diversas, superando estereótipos de gênero.

Nossas experiências demonstram que a figura do professor homem pode ser uma referência positiva e que a inclusão masculina na docência contribui para reforçar a ideia de que a educação é um campo equitativo, onde o cuidado e o afeto não têm gênero. A presença de docentes masculinos nos anos iniciais da educação básica é um tema que, embora ainda pouco explorado, carrega grande relevância para a construção de relações pedagógicas mais plurais e democráticas. Historicamente, a docência nesse segmento foi marcada pela predominância feminina, associada a uma visão social que identifica o cuidado e o ensino de crianças como atribuições “naturais” das mulheres (Louro, 1997). Essa divisão sexual do trabalho na educação não apenas reforça estereótipos de gênero, mas também priva as crianças da possibilidade de interagir com diferentes modelos de atuação docente.

A presença de homens na docência inicial contribui para romper com tais estereótipos e para ampliar o repertório de referências relacionais, afetivas e intelectuais oferecidas aos estudantes. Como lembra Connell (2005), as identidades masculinas não são fixas, mas socialmente construídas e múltiplas; nesse sentido, a atuação de professores homens pode ajudar a desnaturalizar concepções hegemônicas de masculinidade, mostrando que sensibilidade, cuidado e escuta são competências humanas e não atributos exclusivamente femininos.

Do ponto de vista do processo de ensino-aprendizagem, a diversidade de experiências e perspectivas entre os docentes enriquece o ambiente escolar, pois amplia as possibilidades de mediação pedagógica, de resolução de conflitos e de construção de vínculos. Além disso, ao ver homens engajados no trabalho educativo e afetivo com crianças, meninos e meninas podem ampliar sua compreensão sobre papéis sociais e profissionais, favorecendo um desenvolvimento que valorize a igualdade de gênero (Sayão, 2005).

Em síntese, garantir a presença de docentes masculinos nos anos iniciais significa investir em uma escola mais inclusiva, que reconheça a importância da diversidade no corpo docente e que contribua para formar crianças capazes de compreender e respeitar diferentes





formas de ser e estar no mundo. Essa diversidade, como destaca Paulo Freire (1996), é fundamental para a construção de uma prática pedagógica dialógica e libertadora, que supere preconceitos e promova a formação de sujeitos críticos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A amplitude das experiências vivenciadas pelos licenciandos do PIBID, como as que pude compartilhar em minhas próprias atuações nas turmas de quinto e primeiro ano, com professores de diferentes gêneros e desafios específicos, demonstra a riqueza da formação proporcionada pelo programa. Nossos relatos individuais não apenas sublinham a importância da práxis, articulando teoria e prática, mas também a relevância da pedagogia histórico-crítica. Esta perspectiva pedagógica, conforme defendido por Saviani (1997), reconhece que a educação é um fenômeno social profundamente vinculado aos valores e estruturas de sua época, incluindo os papéis de gênero. Desse modo, o ponto de partida de cada aluno – e, neste caso, de cada pibidiano – é singular, moldado por suas vivências, histórias e contextos socioculturais.

Ao compreendermos que a docência é uma prática social complexa, imersa em realidades diversas, percebemos que as experiências em sala de aula do PIBID são intrinsecamente diferentes para cada participante. Enquanto alguns podem se deparar com os desafios da pré-adolescência, as relações de gênero na escola e a necessidade de estabelecer limites éticos em interações afetivas, outros, como eu, lidam com as fragilidades emocionais de crianças em processo de alfabetização, a busca por contato físico e a superação de preconceitos de gênero na própria atuação docente. A pedagogia histórico-crítica nos permite analisar como esses desafios se inserem em uma dinâmica social mais ampla, que, historicamente vinculou o papel das mulheres à educação dos filhos e, conseqüentemente, dos filhos de outras, invisibilizando o trabalho docente, insinuando que é algo natural e desvalorizando a atividade laboral relacionada à educação.

O PIBID contribui para uma formação docente que transcende as disciplinas regulares da universidade, oferecendo um contato direto e profundo com o cotidiano escolar e suas nuances. A possibilidade de elaborar um artigo e compartilhar essas experiências variadas não só valida o aprendizado prático, mas também serve como um valioso recurso para outros





licenciandos. Ao expor os desafios enfrentados, as reflexões sobre a feminização do magistério, a importância da alfabetização em contextos de superlotação e a presença masculina na docência, oferecemos subsídios e motivação para que futuros professores compreendam e enfrentem as dificuldades que possam surgir em suas próprias jornadas. A troca desses conhecimentos, embasada em vivências reais, fortalece a formação docente, tornando-a mais sólida e alinhada às demandas de uma educação pública universal, justa, humana e emancipadora.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Nota Técnica nº 24/2015. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Nota Técnica nº 24/2015. [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_escolar\\_2024.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2024.pdf)

CONNELL, R. W. Masculinities. Berkeley: University of California Press, 1995.

COSTA, Maria Auxiliadora. *Educar e cuidar: uma tarefa de gênero?* Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Costa Júnior, J. F., Moraes, L. S. ., de Souza, M. M. N. ., Lopes, L. C. L. ., Meneses, A. R. ., Pontes Pinto, A. R. de A., dos Santos, L. S. R. ., & Zocolotto, A. . (2023). A importância de um ambiente de aprendizagem positivo e eficaz para os alunos. *Rebena - Revista Brasileira De Ensino E Aprendizagem*, 6, 324–341. Recuperado de <https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/116>

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 1989 São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção Questões da Nossa Época; 22).





FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPARIN, João Luiz. *Uma didática para uma pedagogia histórico-crítica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

LEÃO, Guilherme Inácio Marques. A importância do docente do gênero masculino nos anos iniciais do Ensino Fundamental. UnB, Brasília, DF. p. 82-90, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MEC. (2007). Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid>. Acesso em: 25 jun. 2025.

SAYÃO, D. T. Masculinidades e educação infantil: gênero, profissão e docência. *Educação & Sociedade*, v. 26, n. 91, p. 443-465, 2005.

SILVA, Márcio de Oliveira. Ser homem e professor de crianças: estigmas e desafios de uma profissão marcada pelo feminino.

SOARES, Letramento: tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VIANNA, Cláudia Pereira; RIDETTI, M. S. *Educação Infantil: gênero e cidadania*. São Paulo: Cortez, 1998.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. *História da Educação Infantil no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.

